

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

ROBERTO MÁRCIO NICÁCIO

**AÇÕES NA PERSPECTIVA DA LEI 10.639/03 COM ALUNOS DA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS**

Belo Horizonte

2012

Roberto Márcio Nicácio

**AÇÕES NA PERSPECTIVA DA LEI 10.639/03 COM ALUNOS DA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de conclusão do curso de especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em educação e relações Étnico-Raciais pelo curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof. Ms. Maria José Batista Pinto

Belo Horizonte

2012

ROBERTO MÁRCIO NICÁCIO

**AÇÕES NA PERSPECTIVA DA LEI 10.639/03 COM ALUNOS DA EDUCAÇÃO
DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho de conclusão do curso de especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de especialista em educação e relações Étnico-Raciais pelo curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Ensino na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Aprovado em 14 de julho de 2012

BANCA EXAMINADORA

CONVIDADA: Juliana Abílio

ORIENTADORA: Maria José Batista Pinto

RESUMO

Este trabalho registra a análise de uma ação pedagógica desenvolvida com o objetivo de promover ações que facilitem a implementação da lei federal 10.639/03, que tem por finalidade a valorização da história da cultura Africana e Afro-brasileira dentro do nosso país. O Público alvo da ação foram os alunos do ensino noturno da escola de uma escola municipal de Belo Horizonte, matriculados na modalidade EJA (ensino para jovens e adultos). Foram aplicados questionários com o intuito diagnosticar o conhecimento sobre a cultura afro brasileira assim como a percepção e vivência dos mesmos sobre racismo e preconceito. A partir disso, foram desenvolvidas várias atividades com o grupo de alunos como: oficinas de produção de máscaras, contação de história, exibição de documentários de orientação étnico-racial (vista a minha pele) e leituras orientadas em sala de aula e na biblioteca. O trabalho se iniciou em meados do ano de 2011 e se encerrou entre maio/junho do ano de 2012 e teve boa participação dos alunos que envolveram-se nas atividades e foram introduzidos a discussão sobre as relações étnico raciais em nossa sociedade.

Palavras-chaves: Relações étnico-raciais, lei 10.639/03, educação de jovens e adultos

SUMÁRIO

1 . Apresentação.....	P. 06
2 . A lei 10.639/03 e a Educação para as relações étnico raciais.....	P. 08
3 . Objetivo Geral.....	P.09
3.1 . Objetivos Específicos.....	P.09
4 . Metodologia.....	P.11
5 . Resultados e análises dos questionários.....	P.13
6. Resultados e análises das ações.....	P. 17
7. Considerações finais.....	P.18
8 . Referência	P.19
9.Anexos.....	P.20.

1 APRESENTAÇÃO

Este trabalho apresenta a análise de uma ação pedagógica desenvolvida com os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) que teve como objetivo promover ações de sensibilização para implementação da lei federal 10.639/03, que tem por finalidade a valorização da história da cultura Africana e Afro-brasileira dentro do nosso país.

A ação foi realizada com cerca de 50 alunos, pertencentes a duas turmas do ciclo avançado da EJA, turno noturno, de uma escola municipal de Belo Horizonte e contou com o apoio dos professores efetivos, da Coordenação Pedagógica e a Bibliotecária do turno da tarde. Sou professor da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte há quinze anos e trabalho nessa escola desde minha inserção na rede, conforme exponho no memorial (Anexo 1)

A escola localiza-se na região norte de Belo Horizonte em proximidade com a cidade de Ribeirão das Neves. Ela foi fundada em 1986, a exatos 25 anos, e funciona nos três turnos escolares (manhã, tarde e noite), sendo que começou as atividades com o Noturno a partir de 1996 quando foi implantado o terceiro ciclo do ensino Fundamental da Escola Plural da Prefeitura de Belo Horizonte.

Podemos destacar que a escola participa de vários projetos disponibilizados pela P.B.H. tais como: Escola Integrada, Escola Aberta, Floração, Escolinha de Futsal e de Informática para a comunidade. No entanto, até a presente data de realização deste trabalho, não acontecia nenhuma ação efetiva que procurava atender a legislação federal que instituiu o ensino de História e Cultura Africanas e Afro-Brasileiras (Lei 10.639/2003 Alterada para Lei 11.645/2008)

Por se tratar de um tema muito interessante e ao mesmo tempo um tanto desafiador, foi necessário desenvolver um plano de Ação muito Elaborado para que o Ensino não fosse encarado por parte dos alunos como mais uma disciplina de cunho Obrigatório. Entendíamos que público ao qual nos direcionamos, alunos da EJA, possuíam uma vivência mais intensa de ações de discriminação e preconceitos, devido ao fato de serem jovens e adultos, muitos deles já trabalham.

Além disso, muitos dos jovens adultos do noturno possuem parentes matriculados nos demais turnos da escola o que poderia produzir uma influência e repercussão da formação.

Assim, planejamos atividades que visavam trabalhar com ações Afirmativas no sentido de valorizar o Contato comunitário Étnico-Racial, rerepresentando (e reaproximando) Movimentos Culturais próprios das Tradições Afro-Brasileiras como por exemplo : O Congado, A Capoeira , A Religião como a Umbanda e o Candomblé , As Músicas Carnavalescas, Os Desenhos de Tecidos de Adinkra e tantos outros elementos que expressam a diversidade das tradições Afro-Brasileiras e africanas.

Considerávamos que o sentido de Coletividade poderia reforçar uma idéia de Circularidade, onde tradições antigas são colocadas em movimento, forçadas a uma adaptação e por fim a um renascimento gerando um reencontro com o passado gerando novas e melhores Misturas que resultam em novas maneiras de expressão Cultural. Muitos de nossos Alunos já manifestavam o interesse em receber informações sobre movimentos Culturais Afro - Brasileiros , pois muitos já participam de grupos de capoeira, fraternidades de Umbanda ou Candomblé e de Missas Conga que conta com festejos de Congado.

No entanto, devido a mudanças na organização escolar entre o ano de 2011 e 2012 que alterou radicalmente a minha condição de trabalho com a mudança de turno, buscamos desenvolver as ações mais modestas com sentido de garantir a continuidade do trabalho com o público do ensino noturno.

Assim desenvolvemos ações articuladas: uma diagnóstica que nos permitiu entender a perspectiva dos alunos sobre a temática por meio de questionário aplicados aos mesmo e outras de desenvolvimento pedagógico com o intuito de introduzir a temática étnico

racial através de oficinas, eventos de contação de histórias e leituras literárias diversas. Buscamos aqui apresentar esse trabalho e seus resultados.

2 - A LEI 10.639/03 E A EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO RACIAIS

A Promulgação da lei federal 10639/03 que instituiu o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileiras tem como objetivo principal a valorização das tradições e manifestações culturais que formaram a base da sociedade brasileira, bem como criar estratégias eficientes para combater e impedir que o Racismo e a Discriminação se tornem hábitos normais dentro do ambiente escolar e da própria Sociedade. Devemos levar em consideração que existe dentro da nossa Sociedade mais de 120 anos de lutas para criar Condições Mínimas de Adaptação para estes Brasileiros Legados ao Esquecimento e ao Abandono por parte da Classe Dominante, de mentalidade branca no estilo Europeu, de nosso País. Muito Correto seria que não fosse necessária Lei alguma para garantir a Inclusão de qualquer Povo que comprovadamente se sacrificou e contribuiu para a formação da Grandeza e da Riqueza Nacionais. Os povos de origem Africana, mais do que qualquer outro, constituem parte Significativa da população Brasileira (Somente na África existe percentual maior de população negra) e juntamente com os Imigrantes que vieram trabalhar nas plantações de café (Europeus e asiáticos) criaram um conjunto de tradições e Hábitos, que são únicos na história da cultura Latino-Americana e talvez até inédita em nível Mundial, porque não existe um país com um processo de colonização tão complexo como o Brasil.

A Movimentação dos diversos grupos de nossa sociedade, como o movimento Negro que sempre exigiu das autoridades uma política pública que fosse inclusiva e que de fato melhorasse as condições de vida da população negra em nosso país. A Constituição federal de 1988 assegurou ao cidadão o direito à igualdade de condições de vida e de

cidadania, como garantiu direito às histórias e culturas que compõem a nação brasileira. A questão racial na escola precisa ser abordada de uma forma que integre, inclua, desfaça estereótipos e que desagregue guetos, evitando problemas como os de segregação racial que existe em nações como os E.U.A. e a REPÚBLICA SUL-AFRICANA, onde o Governo destes países até bem pouco tempo apoiava a separação entre brancos e negros, criando situações que levaram a muitos conflitos armados diretos e indiretos (Basta lembrar a ação de grupos radicais como os Panteras negras nos estados unidos das décadas de 1960/70), gerando vítimas inocentes de ambos os lados. A ação precisa ser de prioridade máxima para evitar que práticas similares a estas acima citadas continuem a negar os direitos a cidadania de sujeitos históricos.

3 - OBJETIVO GERAL

Promover ações que facilitem e sensibilizem para a implementação da lei federal 10.639/03, que tem por finalidade a valorização da história da cultura Africana e

Afro-brasileira dentro do nosso país.

3.1 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperávamos alcançar com as ações junto aos alunos da EJA uma nova percepção acerca de nossa sociedade e da maneira como são tratados os problemas de cunho étnico-raciais. Portanto, buscávamos como objetivos específicos o alcance de aprendizagens no sentido de:

*Combater as práticas racistas (discriminação racial e xenofobia) e de bullying dentro da escola

*Promover a discussão da mudança na estrutura curricular através da inserção do tema racial.

*Reconhecer a importância dos Africanos e Afro-brasileiros no processo de formação nacional.

*Reconhecer as relações de poder e hierarquias, bem como a sua crítica, nos processos de estruturação das sociedades e dos grupos humanos.

*Fazer com que os alunos tenham acesso a livros de literatura que possam ser estudados de forma dinâmica.

*Trabalhar de forma coletiva, fazendo com que os alunos se responsabilizem pelos seus horários e realizem atividades propostas pelo grupo de professores.

*Problematizar a eleição de alguns sujeitos como heróis da história, entendendo processos e representações que levam a sua idealização.

*Compreender a historicidade das sociedades, vivenciando situações de empatia histórica, explorando a imaginação e o exercício de se colocar no lugar do outro.

*Valorizar a interpretação de texto e o reconhecimento de diversas fontes históricas.

*Perceber a desigualdade social em situações da vida cotidiana, aprendendo a se posicionar e reconhecendo a garantia dos direitos humanos.

*Identificar e reconhecer os processos históricos que resultaram em exclusões e desigualdades de toda ordem no Brasil, incluindo a compreensão dos movimentos de resistência e de luta por direitos, problematizando a história do racismo, dos preconceitos e da discriminação racial na sociedade Brasileira.

*Valorizar o Trabalho Coletivo e a Oralidade dos alunos, utilizando de todos os meios possíveis como instrumento de apresentação das realizações docentes.

*Perceber a importância do Diálogo com outras disciplinas e do Trabalho Interdisciplinar para a construção do conhecimento Histórico que será de grande auxílio para a discussão da lei Federal 10.639/03.

*Aplicar as proposições curriculares de Ensino de Belo Horizonte no 3º Ciclo e no ensino Noturno.

*Orientar para a divulgação e produção de conhecimentos, bem como atitudes e valores que eduquem cidadãos quanto à pluralidade Étnico-racial, tornando-os capazes de interagir e de negociar objetivos comuns que garantam a todos Respeito aos Direitos e valorização da democracia Brasileira.

4 METODOLOGIA

Conforme expomos anteriormente, realizamos de maneira articulada ações de natureza : diagnóstica que nos permitiu entender a perspectiva dos alunos sobre a temática por meio de questionário aplicados aos mesmo e outras de desenvolvimento pedagógico com o intuito de introduzir a temática étnico racial através de oficinas, eventos de contação de histórias e leituras literárias diversas.

Buscamos uma metodologia que facilitasse a interação e colaboração dos sujeitos docentes e alunos em torno da questão étnico racial em espaços e atividades diversas: sala de aula, biblioteca, auditório e laboratório, com atividades em forma evento, oficinas, aulas, etc.

Contamos com o uso da biblioteca da escola como local de apoio a sala de aula e o incentivo para a leitura e da sala de Informática onde os alunos puderam pesquisar temas da cultura Afro-Brasileira e contar com a assistência de um Monitor especialista na área.

Assim, buscamos o envolvimento da bibliotecária da escola, da coordenação pedagógica e dos professores de Geografia, História, artes e língua Portuguesa do E.J.A. /noturno facilitando o acesso dos alunos para a biblioteca em horários de aula e mesmo nos intervalos do Recreio. Nos momentos quando não foi possível contar com a participação efetiva da bibliotecária, o professor de Geografia ou de História fizeram plantão durante o intervalo do recreio (pelo menos duas vezes por semana), e também usando os espaços alternativos como a sala de informática

A Contribuição da Bibliotecária da escola foi de grande importância para facilitar o levantamento do acervo de livros, mapas, documentários gravados , jogos, revistas que tenham qualquer ligação com a cultura Afro-Brasileira e sua exposição em local de destaque dentro da Biblioteca para que os alunos possam manusea-los em horários livres (ou mesmo em finais de semana quando a intervenção da Escola Aberta será de suma importância) .

A Coordenação Pedagógica contribuiu para o apoio material e organização do espaço das oficinas e da contratação dos contadores de história.

Assim, realizamos uma oficinas de cunho prático (confeção de máscaras típicas africanas) que buscava despertar o interesse de alunos que talvez não tivessem muita familiaridade com leitura e interpretação de textos, mas que gostassem de ter contato com materiais como tintas e materiais recicláveis como caixas de leite integral, dando valor a reciclagem de materiais que com certeza iriam parar no lixo sem o devido tratamento e seleção dos resíduos comuns e de natureza orgânica.

A oficina foi realizada por meio de uma facilitadora, formada em Artes e durou dois dias. Por meio da exploração do material e discussão das características estéticas presentes na arte das máscaras africanas, os alunos trabalharam no espaço da sala de aula e laboratório moldando suas próprias máscaras.

Os trabalhos dos alunos foram expostas para que todos os demais alunos da escola no espaço da biblioteca e serão ainda apresentados na feira de cultura do segundo semestre de 2012.

Além da oficina, realizamos a contação de história no auditório da escola com um casal de convidados que possuem uma grande experiência com o uso da palavra narrada e cantada. Eles contaram e cantaram histórias de origens africanas expondo para os alunos as referências geográficas e históricas dos povos de onde originaram os diversos contos narrados.

5 - RESULTADOS E ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Os questionários foram aplicados por um professor de Ciências (Prof. Alberto Lopes) na sala de ensino de EJA nº 12 no dia 24 de março de 2012 , contudo os alunos não

compreenderam ou não se sentiram a vontade para responder, sendo necessário a minha presença no dia 31/03 com um novo e mais explicativo questionário (em anexo) esclarecendo os motivos e pedindo uma sincera colaboração dos mesmos respondendo-os.

Assim, tivemos a colaboração de duas turmas de alunos da EJA, perfazendo um total de 50 respondentes.

Os resultados mostraram que muitos alunos entenderam o questionário quase como uma avaliação formal e temeram marcar mais de uma opção, mesmo quando insisti para que se sentissem totalmente a vontade para marcar a sua real opinião sobre as perguntas de cunho Étnico-racial.

De um modo geral os dados apontam que boa parte dos alunos (mais de 40 %) nunca tinham ouvido falar de personalidades Afro-Brasileiras como Edson Arantes do Nascimento (evitei usar o Apelido para testar a capacidade de memória Simples dos alunos) ou que não sabiam que a lei que acabou com a Escravidão no Brasil foi promulgada em 1888 no Século XIX. A grande maioria desconhece a Lei Federal n ° 10.639/03 que garante o ensino de História Africana e Afro-Brasileira nas Escolas Públicas Brasileiras , porém quase todos os alunos já presenciaram ou foram vítimas de algum caso que envolveu práticas de Racismo, mesmo que muito suavemente e que a princípio não tenham despertado nenhum sentimento de revolta ou de Indignação. Uma grande maioria (mais de 60 %) confunde religião africana com Espiritismo Kardecista e não sabe diferenciar uma da outra, fato que não causa muita surpresa pois de modo geral quase nenhum brasileiro consegue. A grande maioria não consegue apontar um Herói de origem africana ou Afro-brasileira com exceção de Zumbi que já possui algum espaço na Mídia ao contrário de personagens como o marinheiro João Cândido que lutou contra o poder da República da Espada para abolir os castigos Físicos (Chibata) contra Marinheiros Negros e pobres do serviço Militar obrigatório de nossa nação.

A Falta de Compreensão acerca da luta do povo negro no Brasil é uma dura realidade que precisa ser imediatamente revista e repensada dentro da comunidade escolar brasileira. Podemos entender que muitas pessoas que cresceram enfrentando ideias de racismo velado, discreto e pouco chamativo de nossa sociedade, mas Racismo na mais pura essência, não vão querer se identificar como Negros ou como Afro-Descendentes

por temer exatamente por uma exclusão quando vão tentar uma vaga em empresas dirigidas por pessoas brancas ou de mentalidade excludente.

Algumas comunidades da periferia da cidade de Belo Horizonte, desconhecem a ação dos movimentos de defesa da cultura Negra, possuindo uma ligação muito de caráter apenas religioso, que se manifesta em determinados momentos nas roupas, anéis, colares, brincos e algumas tatuagens que ressaltam esta origem Africana. A Criação da lei 10.639/03 trouxe avanços incomparáveis para a superação dos preconceitos sobre a África e com certeza vão fornecer uma visão afirmativa sobre a situação do negro brasileiro. Do ponto de vista político, essa mesma visão deverá ser problematizada à luz das relações de poder, de dominação e dos contextos de desigualdade e de colonização.

Segundo Gomes (2008) “ é importante salientar que a introdução de uma releitura sobre a África e a cultura afro-Brasileira na escola afeta e causa impacto na subjetividade dos negros. Os outros grupos étnico-raciais presentes nessa instituição, sobretudo o segmento Branco, também usufruirão desta mudança”. Muitos outros estudiosos como Bento (2002) nos mostram que o conceito de Branquitude é a produção de uma identidade racial que toma o branco como padrão de referência de toda uma espécie, e neste processo as elites fortalecem a auto-estima e o autoconceito do grupo branco em detrimento dos demais. Em contrapartida constrói-se um imaginário muito Negativo acerca da figura do negro, fato este que explica as desigualdades raciais e ainda culpa o negro pela discriminação.

No contexto da aplicação da lei 10639/03 dever-se-ia ter uma discussão no processo de formação inicial dos professores sobre a identidade racial do brasileiro: qual teria sido o legado que a escravidão trouxe para o branco? Como seus antepassados são vistos? Muitas questões podem ser levantadas e deveriam ser analisadas para que a comunidade escolar tenha uma real dimensão sobre os benefícios sociais, econômicos, educacionais e políticos vividos pela população branca em detrimento da população negra (afrodescendentes), os quais são comprovados pelas inúmeras pesquisas sobre desigualdades sociais em nosso país.

No Brasil, a educação e a formação de professores carecem de mais informações a respeito de nossa herança africana e dos feitos e realizações do negro no passado e na atualidade. Com que imagem sobre a África a geração que passou pela escola e hoje adulta foi formada? Podemos imaginar que foi com a imagem fornecida pelo branco europeu, que nos mostra uma África animalizada, estereotipada e cada vez mais cristalizada no inconsciente coletivo destas pessoas. Esta visão faz parte da vivência curricular da escola, ela fatalmente extrapola o aprendizado dos conteúdos propriamente ditos formando subjetividades. De acordo com estudos realizados Munanga e Gomes (2006) as imagens mostradas sobre a África raramente temos a ideia de reinos soberanos, de Reis guerreiros e de cidades modernas que ressalte o lado positivo do continente africano. O estudo da África de ontem e de hoje em perspectiva histórica, geográfica, cultural e política poderá de fato nos auxiliar na superação do racismo no Brasil. O estudo sistemático da riqueza das civilizações africanas, do impacto do colonialismo sobre o continente, a presença muçulmana na região, as lutas políticas de independência, da diversidade linguística e dos problemas atuais no contexto da globalização.

6 – RESULTADOS E AVALIAÇÕES DAS AÇÕES

As atividades de leitura e interpretação e textos específicos sobre a cultura afro-brasileira partiram do convite aos alunos para participarem de maneira explorarem aleatoriamente os vários livros expostos na seção exclusiva de livros sobre a temática étnico racial.

A reação dos alunos foi muito satisfatória porque realmente não se interessaram de leituras orientadas, preferindo as leituras livres.

O encontro com os alunos ocorreu semanalmente, as segundas-feiras, pois neste dia as turmas apresentavam maior número de alunos e deste modo, facilitou as tarefas

propostas. Muitos alunos passaram a interessar mais pela leitura e pelo acervo disponível na biblioteca.

Durante a aplicação da oficina de máscaras típicas africanas, o envolvimento dos alunos mudou de foco radicalmente, pois a participação dos alunos foi geral, inclusive os mais velhos da turma, que geralmente evitam fazer parte de atividades diferente e inovadoras.

O resultado foi tão positivo que podemos perceber que os alunos respondem muito melhor as atividades práticas e depois a um complemento de leituras, filmes e mesmo palestras de pessoas de fora do ambiente escolar. Os alunos do ensino noturno possuem geralmente uma tendência a gostarem mais de aulas teóricas com exercícios onde possam responder a questionários com textos de apoio não muito longos.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além disso, consideramos que a escola não poderá ficar sozinha nesse processo, pois Consideramos que ações como a que elegemos, poderá ter resultados ainda melhores se as escolas investirem em oficinas e atividades que valorizem as habilidades dos alunos, despertando com o tempo o interesse em buscar novas informações sobre a cultura africana e afro-brasileira.

As estruturas das escolas da Prefeitura de Belo Horizonte estão voltadas para atender a faixa etária infanto-juvenil, que recebem boa parte das verbas destinadas às escolas. Até os materiais básicos como carteiras de sala de aula são pensados nos alunos mais novos, enquanto que os alunos mais velhos precisam se acostumar e adaptar a uma estrutura que não lhes é mais familiar.

Será necessário a intervenção do MEC e das secretarias estaduais e municipais de educação para a construção efetiva de uma formação docente e de projetos e propostas pedagógicas que atue de forma mais efetiva em âmbito local. A questão Racial não se reduz aos negros, ela é uma questão da sociedade brasileira e precisa ser assumida pelo povo e pelo estado democrático brasileiro. O Currículo fatalmente precisará ser refeito para introduzir uma discussão sobre a África, sobre a diáspora africana e o negro brasileiro e nesta perspectiva veremos que contar a história do Brasil fatalmente nos reportará para o continente africano. Um dos pontos positivos da lei 10.639/03 é a possibilidade de construção de projetos pedagógicos interdisciplinares que vão permitir uma melhor articulação sobre as influências que os povos africanos (idiomas, diversidade cultural, a estética, a geopolítica, a saúde, a exploração capitalista etc.) exerce sobre o povo Brasileiro.

Muito mais do que propor atividades pedagógicas novas, a discussão sobre a África e o negro no contexto brasileiro devem promover o debate, a discussão, a reflexão e a mudança de postura, realizar projetos interdisciplinares de trabalho vai estimular práticas mais coletivas e reforçar teórica e metodologicamente o combate ao racismo e a discriminação racial na escola. Uma lei de tal força política e pedagógica faz parte de um processo mais amplo de mudança estrutural na escola e para tanto estamos com a obrigatoriedade de tratar o ensino da história da África e da cultura Afro-brasileira com

profissionalismo e seriedade tal qual tratamos outros temas e questões sociais presentes no campo educacional e escolar.

8 - REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003 “Altera a lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação, “Diretrizes curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana” CNE/CP. Diário Oficial da União. Brasil, junho 2004.

MUNANGA, k.& Gomes,N.L. (2006).O negro no Brasil de Hoje.São Paulo;Global

MUNANGA,kabenguele.Rediscutindo a mestiçagem no Brasil.Identity nacional versus Identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica,2004.

MUNANGA,Kabenguele. Origens Africanas do Brasil Contemporâneo – História,Línguas,Culturas e Civilizações.São Paulo:Global,2009.

BENTO, m.a.s. (2002).Branqueamento e branquitude no Brasil.In: CCARONE,I& BENTO,M.A.S. (orgs.).Psicologia social do racismo.Petrópolis: Vozes,p.25-57.

BERTIN, Enidelce. Reivindicações e resistência: O não dos africanos livres (São Paulo, séc.XIX).Afro-Ásia, Salvador, nº 40, p.105-143, 2009.

SANTOS,Erisvaldo Pereira dos.Reexistência negra e escravidão na educação das relações étnico-raciais. In. Dalben, Ângela Imaculado L. de F. : Maria de Fátima C. Gomes.Formação continuada de docentes da educação básica: construindo parcerias (LASEB). Belo horizonte: Autêntica, 2009, p.113-130.

9.ANEXOS

A).Imagens da Oficina com os Alunos do EJA









9 – ANEXOS:

B)- MEMORIAL SOBRE A TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Educação para as Relações Étnicos - Raciais

Disciplina: ACPP (análise crítica da prática pedagógica)

Profª: Maria José Batista Pinto

Aluno: Roberto Márcio Nicácio

Data: 19/07/2011 a 10/07/2012

LASEB-FAE-UFMG

Belo Horizonte MG

MEMORIAL –REFLEXÃO SOBRE A VIDA PROFISSIONAL

Em quase 15 anos de vida profissional dentro da educação é muito importante, a meu ver, relatar a minha vivência anterior a este período. Conclui o meu curso nível médio em uma escola particular (Colégio Pampulha) no ano de 1984. A escola tinha um perfil de alunos de classe média e classe média baixa sendo um pouco raros os alunos negros e mulatos.

O currículo das escolas particulares da década de 80 era muito tradicional em termos de conteúdos que trabalhassem temas étnicos raciais ou mesmo sobre a cultura africana ou indígena. O ginásio formava alunos para o magistério ou técnico em contabilidade e tinha poucos eventos extra em sala de aula, sendo que podemos destacar feira de ciências.

Depois da saída do colegial trabalhei em um emprego sem vínculo de carteira assinada porque estava em uma idade de seleção para o serviço militar (17 anos) e como muitos outros que estavam na mesma situação, tive que arrumar uma ocupação que garantisse um rendimento mínimo. Eu trabalhei em um supermercado pequeno de bairro (Minas Bahia) e tive contato com pessoas de todos os níveis sociais e muitas delas eram negras e mulatas. Foi uma experiência muito diferente, que ajudou a quebrar certos preconceitos, uma vez que passei a conviver e a sair com colegas de serviço e constatar que muitos deles sequer tinham terminado o 1º grau, e nem manifestavam o desejo de estudar.

Por possuir uma melhor formação eu era constantemente chamado pelo gerente para trabalhar no caixa ou para fazer entregas de automóvel, para ajudar a conferir as entregas junto aos clientes nas suas residências.

A princípio só trabalhava aos sábados, mas depois passei a aceitar serviços intercalados durante a semana e teria até feito uma carreira no setor se não fosse convocado para o serviço militar em 1986 para servir na 11ª C.S.M (circunscrição) como soldado comum. A seleção para o serviço é interessante porque a princípio as pessoas que são voluntárias são dispensados pelos mais variados motivos (O mais comum é a falta de estudos) enquanto que os candidatos não voluntários muitas vezes são selecionados segundo o mesmo critério anterior.

Como não queria prestar o serviço militar, mas fui bem selecionado no N.P.O.R (Núcleo de Preparação de Oficiais da Reserva) fui dispensado para ser oficial pois não tinha a altura mínima de 1,75cm mas ironicamente fui selecionado para ser soldado de circunscrição, ou seja, não apto para o combate pois não era Corpo de Tropa (Infantaria, Artilharia ,Intendência ,Engenharia e Operações Especiais) e sim um soldado de Segunda Categoria que apenas dominava conceitos básicos de combate. O meu pelotão cumpriu o período básico no 12º B.I (batalhão de infantaria) na região militar central de Belo Horizonte na rua Juiz de Fora esquina com a rua Uberaba

No meu pelotão, a grande maioria dos soldados era formada por rapazes brancos, classe média Comum e alta e contava somente com dois rapazes negros, sendo que um deles era soldado residente, pois morava fora do centro da cidade no vale do Jatobá, o que dificultava o seu deslocamento para o quartel era no quarteirão da rua guarani com Olegário Maciel.

O ano de 1986 era ainda um final de Regime Militar e muitos fatos interessantes ocorreram neste período: Movimento de mães com medo dos filhos serem selecionados para o Serviço Militar, tentativas de suicídio por parte de Muitos soldados, tentativa de assassinato de um Oficial por um soldado em serviço de guarda, um caso de expulsão por uso de drogas (No meu regimento) e no âmbito geral, a troca de moedas no plano Cruzado, que somente foi informado aos soldados quando saímos do período de Quarentena(não era necessário saber sobre o mundo exterior,segundo os oficiais)

Apesar de ser meio maçante, o serviço militar, não chegava a ser de fato ruim e aprendi boas lições, sendo que a principal foi a de sempre continuar estudando e me aperfeiçoando. Deixei o exército na segunda baixa (fev. de 1987) e em seguida fiz teste de seleção para o banco nacional, sendo aprovado após realizar uma entrevista em grupo com os outros candidatos.

Ao entrar no banco fui trabalhar no setor de tesouraria regional na função de passador (contagem e seleção de cédulas), um serviço as vezes tedioso mas que me possibilitava um horário flexível(12h-18h) e uma grande oportunidade de voltar aos estudos e prestar vestibular. Me inscrevi no Pré - vestibular PH-7 com vários conhecidos, as aulas eram interessantes mas os professores entraram em greve antes do final do ano por tempo indeterminado e quase desisti do vestibular. Para minha sorte, o mesmo vestibular foi adiado por outra greve, que era dos professores da U.F.M.G (Universidade federal de minas Gerais), e depois de muito estudar, prestei exame em fevereiro de 1988 para o curso de geografia (diurno) o que me deixou muito feliz e realizado comigo mesmo.

Da minha família, com quatro irmãos fui o segundo a entrar na faculdade e me formar, para facilitar o meu deslocamento consegui uma transferência da tesouraria Regional para uma agência próxima ao campus da Universidade, trabalhando na função de caixa e depois como auxiliar de tesouraria, função que desempenhei até março de 1997. Fiquei surpreso com dois fatos curiosos: O primeiro: Eu era um dos poucos alunos no meu curso que trabalhava e que não tinha automóvel, e no meu serviço Eu era o único

funcionário que estudava e que não podia fazer as horas extras exigidas pela Gerência da agência. Contra todos os empecilhos consegui manter o equilíbrio entre as minhas ocupações e ao longo do tempo notei que muitos colegas do curso de geografia abandonavam o curso e vários funcionários do banco eram demitidos exatamente pela falta de estudos.

Com um pouco de esforço e sacrifício me formei em 1994 (Início do plano real) em licenciatura na área de geografia e por muito pouco não abandonei a minha nova função de professor pois o banco me ofereceu uma promoção para gerente júnior, ao mesmo tempo que a federação dos bancários me convidou para disputar a eleição da categoria em uma chapa de oposição. Felizmente não aceitei nem uma, nem outra das ofertas e fiz concurso para professor municipal de BHte e mesmo sem muita preparação (o serviço bancário me tomava muito do meu tempo livre) acabei sendo aprovado e posteriormente admitido em março de 1997, ano em que também consegui me desligar do Banco Unibanco (comprou o nacional em 1996) depois de um cansativo processo de demissão voluntária, tendo completado exatos 10 anos de carreira.

Iniciei a minha carreira como professor efetivamente em março de 1997, ano em que a cidade comemorava o seu centenário, ocupando um cargo de professor regente dividido entre as escolas Moacyr Andrade e Vicente Guimarães da regional de venda nova. Desde a época universitária sempre me interessei por matérias eletivas, dentre as quais posso destacar a de África do Norte. Sinceramente não me lembro o nome da professora pois não era professora titular do I.G.C (Instituto de Geociências), mas era uma excelente oradora e deixava os alunos muito a vontade para participar de suas aulas e debater ideias de forma muito apropriada. .

Minha atuação como professor regente na Prefeitura, me mostrava duas situações bem distintas; No diurno eu dava aulas para alunos adolescentes com pouca vontade de estar na escola e com baixo índice de auto-estima e de aprendizagem, enquanto que no ensino noturno trabalhava com alunos adultos (com idade superior aos 18 anos e na grande maioria alunos trabalhadores) que apesar da defasagem de ensino, tinham muito interesse em participar das aulas e muito respeito pelo grupo de professores. Esta modalidade era conhecida por Suplência e formava alunos semestralmente.

Apesar de muitas boas experiências e de bons momentos com os alunos do noturno, a P.B.H. acabou com esta modalidade de ensino alegando que os alunos não tinham um tempo mínimo de aprendizado (4 anos), posso destacar em favor desta modalidade de Ensino que muitos alunos passaram em concurso públicos(Polícia Militar. Funcionários do Estado de MG e outros) e alguns foram selecionados para estudar no Programa de Ensino Médio para Jovens e Adultos(P.E.M.J.A.) oferecido pela U.F.M.G para seus funcionários, e que as vezes era estendido para a comunidade em geral,mas mediante uma prova de seleção..

Com os alunos do diurno participei de alguns projetos ao lado do grupo de Professores e apesar do aproveitamento um tanto irregular do grupo de adolescentes, posso destacar: O Projeto de Futsal (masculino e feminino) que contava com a participação de estagiários e professores de educação física sob a supervisão dos professores Newton Rodrigues Filho e Adilson Geraldo batista (diretores da escola Moacyr Andrade de 2000-2004). Os alunos do diurno iam a escola no turno da tarde para realizar os treinos, excursões e competições logrando grande êxito e muitos deles conseguiram bolsas de estudo para escola particulares e chegaram até a universidade. Participei de muitas

Excursões promovidas pela escolinha de Futsal para acompanhar alunos que iriam disputar jogos de campeonato em escolas dentro de Belo Horizonte, Ribeirão das Neves e Contagem. Apesar de ser um trabalho Voluntário porque as saídas eram fora do horário de aulas pude constatar o ganho de Experiências por parte dos alunos ao competirem de forma saudável com alunos de outras redes de ensino.

A partir do ano de 2001 passei a exercer o cargo de coordenador de Turno no horário da manhã na Escola Prof. Moacyr Andrade, eu aceitei a nova função porque queria ver como era o Trabalho Pedagógico fora da sala de aula. Fiquei quatro anos consecutivos na função e apesar de ter aprendido muito atendendo alunos, Pais e Funcionários posso atestar que existem poucas ocupações que sejam mais estressantes e cansativas dentro de uma escola, com um nível de desgaste muito grande e que tem pouco Reconhecimento dos colegas para com o trabalho alheio. Sou muito Favorável a que todos os Professores exerçam pelo menos um ano o serviço de Coordenação pois tenho absoluta certeza que se tornariam professores muito melhores e não se incomodariam tanto com alguns erros banais que muitas vezes acontecem em horário de aula envolvendo alunos, e que deveriam ficar dentro de sala de aula.

No ano de 2003 trabalhei também como coordenador de turno/ pedagógico na Escola Municipal Vicente Guimarães (Noturno) sendo que o trabalho foi muito produtivo e totalmente diferente do turno da Manhã. Os alunos trabalhadores geralmente são pessoas que estão muitos anos afastados da sala de aula ou mesmo em alguns casos nunca tiveram contacto com a escola, e apesar do perfil do aluno se enquadrar bem em termos disciplinares, muitos alunos tinham muita resistência em participar de Projetos fora da sala de aula (Atividades Físicas na Quadra, Saídas para Visitas em Espaços Públicos, Ensaios para festividades, Teatro e até mesmo Exibição de filmes).Contudo vencida uma certa Resistência Natural, era muito gratificante conferir que o trabalho com estes alunos tinha um retorno fenomenal , mesmo com todas as limitações típicas do ensino noturno.

No ano de 2004 resolvi me Candidatar para concorrer a Eleição para o cargo de Direção/Vice da escola Prof. Moacyr Andrade, onde disputei o cargo com um Colega do terceiro ciclo juntamente com uma colega do segundo ciclo ,que com toda a justiça ganharam a eleição. Apesar de ter sido derrotado colhi muitos frutos porque resolvi me afastar da Escola e procurei trabalhar em outros locais, principalmente em outras Regionais onde adquiri uma proveitosa experiência Pedagógica

Paralelamente ao meu trabalho dentro da Educação, passei a me interessar por Terapias Alternativas e fiz cursos de Reiki (Terapia redescoberta no Japão e que trabalha com a Imposição de Mãos para a obtenção de alívio para Dores e relaxamento de situações de stress) que me foram muito úteis para controlar o desgaste do Trabalho de sala de aula e me ajudaram muito mais a controlar um quadro de Diabetes Mellitus que passei a manifestara partir do ano de 2005/2006.

Em 2006 me matriculei para estudar em um Curso de Pós-Graduação na Universidade Federal de Lavras, este curso é na modalidade de ensino a distância e possui dois Encontros anuais de uma semana de duração. O curso que escolhi foi o de fontes Alternativas de Energia, Contudo me arrependi porque o curso era muito Técnico e não me possibilitaria nenhuma progressão Pedagógica dentro da P.B.H.Troquei para a modalidade Educação para Jovens e Talentosos da qual participei somente do primeiro

Encontro em 2007 e ainda está incompleto esperando possivelmente a minha Aposentadoria visto que as datas dos encontros dificilmente coincidem com os recessos da Prefeitura.

Existe dentro da Educação em geral uma propaganda muito Forte para que o Professor se renove e se torne um Profissional Pesquisador, Contudo a política educacional dificulta ao extremo a formação do Professor que dificilmente consegue realizar algum Curso dentro do seu horário de trabalho e precisa procurar brechas nos fins de semana ou durante os seus intervalos de descanso quando deveria estar realizando atividades Físicas ou em contato com a família e Filhos .Muitos colegas Professores foram obrigados a optar e largar algum cargo de trabalho em outras escolas para poderem fazer matérias de mestrado ou de doutorado, sem o aporte Financeiro necessário para se formarem e continuarem a trabalhar dentro do serviço público com o setor de Educação. A Oferta de vagas para a formação de professores pela U.F.M.G. em convênio com as redes Públicas Estadual e Municipais de Minas Gerais foi uma oportunidade única porque apesar de concentrar as aulas nos sábados ela respeita o calendário geral de grande parte das escolas garantindo um descanso bem satisfatório.

A PRIMEIRA AULA

Acho muito interessante descrever o que senti quando entrei em sala de aula pela primeira vez, para ser mais específico já tinha entrado em uma sala alguns meses antes quando a pedido de um amigo do curso de Geografia aceitei uma vaga para um supletivo que funcionava como uma cooperativa de Professores no bairro Lagoinha / Justinópolis no limite entre as cidades de Belo Horizonte e Ribeirão das Neves.

Não eram aulas que envolviam muito planejamento e os alunos eram do tipo muito calmos e interessados, não sendo necessário atuar como disciplinador.Quando assumi o cargo na rede pública de B.H achei que seria muito fácil me adaptar a nova função porque não deveria haver muita diferença entre um tipo de aluno l e o outros da escola municipal.O relato abaixo está descrito no livro comemorativo dos 25 anos da Escola Municipal Moacyr Andrade.

“ Recém saído de Empresa particular (Banco Unibanco), em 1997 assumi o cargo de Professor P 2 (hoje não mais existente) na E.M. Professor Moacyr Andrade./P.B.H. da Regional Venda Nova e após chegar de ônibus descobri que quase ninguém sabia dar informações na região pois demorei quase 30 minutos para chegar ao meu destino.Fui ansiosamente recebido pela direção (Marina e Maria Cleusa) que rapidamente me apresentaram ao Sr. Adilson Geraldo, o sorridente Coordenador de turno da escola.

Ele me alertou que eu teria duas aulas seguidas em uma mesma turma e que portanto teria que ter uma certa cautela pois a turma não era das mais fáceis.Eu achei um pouco estranho e não prestei muita atenção ao que ele me disse.Ao entrar em sala me deparei com o caos da educação pública Brasileira, os alunos me ignoraram totalmente e chamar a atenção gritando era motivo de risos e mais baderna.Sem que eu me desse conta um dos alunos me puxou pela camisa (coisa que eu detesto até hoje) e disse: Vou chamar o

Adílson, e saiu sem minha autorização e sem a turma perceber.

Quando a sombra do Coordenador pairou na porta da sala parece que o tempo parou e todos os alunos imitaram estátuas vivas (até eu) de tanto receio da bronca do mesmo. Após a saída dele consegui dar a minha aula sem a menor alteração, conseguindo até dizer o meu nome e a disciplina que iria dar aulas. No final do Horário o Sr. Adilson me disse: _E ai, pronto para outra? Eu sinceramente nem sei o que respondi pois não via a hora de chegar em casa. Quando cheguei comentei com os meus País e reclamei até não querer mais. Minha Mãe muito sabiamente, sem nem se dar conta, me disse.:_Meu filho você vai voltar para o Banco? Confesso que a ficha demorou para cair e dormi pensando naquilo sem saber como reagiria ao certo.

No outro dia o meu susto não chegou a ser tão grande e apesar do comportamento ser basicamente o mesmo, uma idéia me atemorizava muito mais; Voltar para o Banco nunca mais, de jeito nenhum eu aceitaria pensar sobre isto. Consegui vencer o final do horário sem precisar chamar o coordenador, o que eu descobri ser um grande alívio para ele pois ele não conseguia nem tomar café direito porque tinha de atender 18 turmas com vários problemas diferentes. Acho que a situação não mudou muito quase 15 anos depois. (O Coordenador ainda é o Sr. Adilson, um dos Grandes Amigos que encontrei na Educação).

Depois de alguns dias o Coordenador estava conversando comigo no ônibus e me perguntou se eu ficaria no cargo ou pediria transferência para outra escola. Eu lha disse: Até que os alunos não são tão ruins quando você os conhece, acho que vou me dar bem. A grande verdade é que a simples idéia de retornar ao serviço Bancário era mais assustadora do que qualquer aluno ou turma Indisciplinada. Olhando para esta data, me dei conta que já vão completar 15 anos e eu ainda encaro as minhas aulas como se fosse a primeira vez. A grande verdade é que somente a prática consegue formar um bom professor, toda a teoria que aprendemos é muito válida mas é somente Teoria e nada mais.

. .

Com os alunos do diurno participei de bons projetos e apesar do aproveitamento irregular de adolescentes posso ressaltar o projeto de futsal (masculino e feminino) que contava com a participação de estagiários e professores de educação física e contava com a supervisão dos professores Newton Rodrigues Filho e Adilson Geraldo Batista (diretores da escola Moacyr Andrade de 2000-2004). Os alunos do diurno iam a escola no turno da tarde para realizar os treinos, excursões e competições logrando grande êxito e muitos deles conseguiram bolsas de estudo para escola particulares e chegaram até a universidade., alguns deles para minha alegria acabaram se formando em Geografia e serão os próximos professores que atuarão nesta nobre tarefa de educar.

A partir do ano de 2006 quando se tornou lei o ensino de temas ligados a cultura afro-brasileira, uma grande oportunidade foi oferecida para professores de geografia história, pois além de aprofundar temas extremamente interessantes era uma oportunidade de combater idéias de cunho racial e mesmo preconceituosas, sedimentadas na cultura de nossos alunos e de seus familiares..

No ano de 2009, com o fim do ensino noturno da escola Vicente Guimarães fui lotado na escola Moacyr Andrade onde trabalho atualmente com alunos do EJA sendo um público ideal para desenvolvimento de vários projetos com a abordagem étnico-racial que estimule o ensino de temática Africana ,bem como o aumento da auto - estima de muitos alunos que possuem descendência Afro-Brasileira. Recentemente durante a

aplicação do plano de ação elaborado juntamente com minha orientadora, fui transferido do ensino noturno(início de 2012) e precisei readequar meu plano de ação inicial e me adaptar a nova situação pois estou atuando no Primeiro turno da escola e precisei negociar horários de projeto que me possibilitou dispor de um dia (sempre as segundas-feiras,devido a boa frequência dos alunos) para poder aplicar o planejamento com o público eleito.

Apesar de todas as contingências, tenho certeza que o trabalho foi muito válido e só tenho a agradecer a todos os colegas da escola,(aos Funcionários e aos Professores),aos alunos que tiveram muita paciência e aceitaram participar de todas as atividades e especialmente a minha orientadora Maria José Batista Pinto, cujas orientações forma fundamentais para repensar toda a minha prática de vida pedagógica.